

# Uma reflexão epistemológica: há uma teoria do turismo?

*An epistemological reflection: is there a tourism theory*

*Fausi Kalaoum<sup>1</sup>*

*Mariana Manzano Lopes<sup>2</sup>*

*Matheus David Guimarães Barbedo<sup>3</sup>*

## RESUMO

O presente artigo propõe-se a desenvolver uma reflexão a partir de uma pergunta basilar: há uma teoria do/sobre o turismo? Para auxiliar no desenvolvimento desse trabalho, foram utilizados autores que tratam dos temas da teoria, da produção do conhecimento científico e da epistemologia do turismo. Entre eles, podemos citar: Otaviano Pereira, Neil Leiper e Panosso Netto. Esse artigo apresenta abordagem qualitativa, utilizando a técnica de pesquisa bibliográfica de caráter crítico apoiado na investigação e importância da epistemologia do turismo. Foram utilizadas obras da literatura nacional e internacional, visto que a discussão científica brasileira é ainda bastante recente, tendo pouco mais de quatro décadas de aprofundamento, enquanto pesquisas na Europa começam surgir no início do século XX. Por se tratar de um artigo qualitativo, esse trabalho não possui hipóteses. Os resultados dessa reflexão apontam a importância da formulação das teorias do turismo em dois aspectos: o fortalecimento da episteme turística e o incentivo de novos estudos teóricos na área.

**Palavras-Chave:** Teoria; Turismo; Epistemologia.

239

## ABSTRACT

The present article proposes to develop a reflection based on a basic question: is there a theory of / about tourism? To assist in the development of this work, authors were used that deal with the themes of theory, the production of scientific knowledge and the epistemology of tourism. Among them, we can mention: Otaviano Pereira, Neil Leiper, Panosso Netto. This article presents a qualitative approach, utilizing bibliographical research as technique with critical character and supported by the research and importance of the epistemology of tourism. National and international literature were used, since the Brazilian research about tourism is quite recent with a little more than four decades, while European researches started in the early XX century. By being qualitative research, this investigation does not present a hypothesis. As a result of this reflection, this article points out the importance of the formulation of theories that treat tourism in two aspects: the strengthening of the tourist episteme and; the encouragement of new theoretical studies in the area.

**Keywords:** Theory; Tourism; Epistemology.

<sup>1</sup> Doutorando no programa de pós-graduação em turismo pela Universidade de São Paulo (USP/EACH).  
Endereço eletrônico: fausi@usp.br

<sup>2</sup> Mestranda no programa de pós-graduação em turismo pela Universidade de São Paulo (USP/EACH).  
Endereço eletrônico: mariana\_lopes@usp.br

<sup>3</sup> Mestrando em meio ambiente e recursos hídricos na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).  
Endereço eletrônico: matheusbarbedo@unifei.edu.br

## Introdução

A historicidade da produção de conhecimento em turismo está, ainda na contemporaneidade, pautada sobre um modelo positivista de investigação. Grande parte das pesquisas em turismo está debruçada sobre os impactos da atividade ou em análises mercadológicas. Há uma contra tendência nas pesquisas de base epistemológica, ou seja, formuladoras de teorias do turismo. Essa preocupação com estudos epistemológicos do turismo, de acordo com Panosso Netto (2011), é recente, não chegando há completar quatro décadas.

Esse trabalho tem como objetivo principal trazer para a reflexão se há uma ou algumas teorias do turismo por meio de revisão bibliográfica. Não é, entretanto, objetivo desse trabalho explicar de maneira aprofundada quais são essas supostas teorias.

O caminho seguido durante a composição dessa reflexão vai por outra direção. Busca-se, em primeira instância, entender o que é uma teoria, para depois discutir como o turismo pode ser compreendido (atividade econômica, campo de estudos, ciência?). A partir dessas reflexões, atribui-se importância desses estudos para o fortalecimento do quadro teórico do turismo construído ao longo dos anos e através dele a possibilidade de se construir uma teoria amplamente aceita do turismo.

## Aspectos metodológicos

Pode-se entender como metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 1993). O principal objetivo de uma pesquisa é compreender determinada questão que até então estivera imersa no desconhecido. A pesquisa científica fornece avanços para a sociedade humana ao introduzir novos elementos de reflexão e debate (VEAL, 2011), porém para alcançar resultados confiáveis – haja vista que não existe pesquisa perfeita - preciso que ocorra um rigor metodológico e a aplicação de técnicas coerentes que dialoguem de maneira sincrônica com os objetivos da investigação. No que se trata deste artigo, optou-se pela abordagem qualitativa pela sua natureza investigativa que afasta uma visão positivista:

[...] a construção da realidade, percebida como um ato subjetivo. A descoberta e a construção de teorias são objetos de estudo dessa abordagem. Também um aspecto deste tipo de pesquisa é que os dados coletados resultam em textos que, a partir de diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente. (KOVACS et. al., 2011, p.21)

O artigo em questão manifesta-se com caráter exploratório pois consiste em descobrir novas ideias e novas perspectivas no sentido da tipologia proposto por Schluter (2003). Esse trabalho é uma investigação bibliográfica que tem como objetivo principal a reflexão do questionamento: “Existe uma teoria do/sobre turismo?”. Como técnica utilizada para a composição deste texto, utilizou-se exclusivamente a revisão

bibliográfica que trate dos assuntos coerentes e convenientes para a reflexão do problema de pesquisa. Entre os construtos investigados e expostos no decorrer deste artigo estão os que tratam sobre ciência, conhecimento e epistemologia do turismo. Entre alguns dos autores utilizados, estão: John Tribe (1997); Boaventura de Sousa Santos (1988); Otaviano Pereira (1990); Neil Leiper (2000); Panosso Netto (2011,2014) e outros.

## O que é uma teoria?

Existe uma teoria do turismo? A pergunta basilar que orienta a reflexão deste texto poderia ser respondida com “sim” ou “não”, mas qualquer que fosse a resposta, tal simplicidade minaria os esforços de compreensão do tema. Pode-se, inclusive, ponderar a partir da objetividade da afirmação ou da negação, mas esse não parece ser um caminho tão interessante. Ao invés disso, opta-se por uma abordagem ontológica, que divide o questionamento inicial em mais dois: o que é teoria? Como o turismo como pode ser entendido? Responder essas duas perguntas parece ser um caminho mais convidativo para alcançar, se não uma resposta, uma clareza para a pergunta.

A etimologia da palavra “teoria” vem do grego e significa “observar” ou “examinar”. Uma investigação do significado da palavra no *google*, por sua vez, indica ao menos 10 resultados distintos. Entre eles, os que mais chamam atenção estão: “construção imaginária, fantasia, conhecimento especulativa”. Nesse sentido, teoria poderia ser tratada como algo que se distânciava do que é real (imaginária, fantasia) e que carece de solidez (especulativa), tendo, portanto, um papel dissociativo da realidade, se manifestando como algo pejorativo. Para Pereira (1990), a teoria pode ser entendida como um ato de abstração, mas não se esgota somente nesse campo:

A questão é que a palavra em estado de dicionário reforça em nós este senso-comum perigoso. Pura e simplesmente contrapõe teoria com a prática como excludentes. Aí teoria não passa do estágio de abstração. Ora, não é a teoria que se contrapõe à prática pura, é a abstração [...] Fora do horizonte da prática que a fundamenta, a teoria de fato não passa de abstração. Colhida nos dicionários e compreendida só até o nível de contemplação não é palavra de significado profundo, é letra morta. E este modo de compreendê-la parece nos acompanhar sempre (PEREIRA, 1990, p.11-12).

Para Panosso Netto:

A teoria está ligada à prática, ao mundo em que se vive. É uma tentativa de explicação de tudo o que está à volta do indivíduo; portanto, ela fundamenta também o modo de agir e as decisões de cada um. Por teoria, entende-se o conjunto de conhecimentos, doutrina e sistema de ideias de um campo do conhecimento. Pode ser também a tentativa de compreensão do mundo e um modelo explicativo de alguma coisa e, acima de tudo, deve ser visto como algo alinhado à prática, e não negativa dela, pois se origina nela. (PANOSSO NETTO, 2011, p. 40)

Os trechos acima apresentam, ao menos, duas utilidades para a melhor compreensão da teoria: em primeiro lugar, ajuda a descortinar o senso comum – repetido à exaustão – de que teoria e prática andam a passos dessincronizados. Não é a teoria que desencontra a prática, mas sim a abstração, que pode criar um imaginário utópico que não se concretiza e causa frustração; em segundo lugar, nos ajuda a entender a apatia ou infamante postura em relação ao campo teórico, como se esse não tivesse importância ou relevância dado o suposto desencontro com o mundo real.

Panosso Netto (2011) e Pereira (1990) trazem em seus textos a carga negativa que a teoria acumulou na sala de aula. Para o primeiro, essa “passou a ser vista como algo chato, ilusório, abstrato e distante da realidade” (PANOSSO NETTO, 2011, p.40) e vai além afirmando que professores de teoria precisam, a todo tempo, inventar maneiras de estimular alunos a se interessar pelo tema, enquanto o segundo afirma que o golpe militar de 1964 no Brasil esvaziou o pensamento crítico das salas de aula e reduziu o ensino ao “malabarismo pedagógico” que dirime os processos mais exaustivos de aprendizado e incentiva uma política do “prazer nas salas de aula”. Ambos os autores colocam em evidência um ponto crítico: o constante desinteresse no estudo da teoria.

As reflexões apontadas até aqui indicam como não devemos entender a teoria: é uma forma de abstração, mas não necessariamente toda abstração é uma teoria; não é a antítese da prática, pelo contrário, aproxima-se dela. Pois ora, saber o que não é, auxilia para que se alcance algo importante: a sua utilidade. Pereira (1990) afirma que a teoria possui um significado antropológico da ação, ou seja, é inerente ao ser humano e irredutivelmente não construída por outros animais. Assim sendo, a prática humana é fundamento da teoria, pois, teorizar no vazio representaria a abstração em sua essência mais pura (distanciamento teoria e prática), enquanto a aproximação de ambas resulta na manifestação da práxis.

Teoria poderia ser entendida como um grupo de afirmações conectadas, usadas no processo de explanação (HALL, 2000) ou ainda o resultado, o produto de um processo mais sistemático de conhecimento (FRANÇA, 1994). Salienta-se, entretanto, que esse grupo de afirmações não tem papel absoluto no universo. Isso porque as práticas humanas não são cristalizadas e, portanto, a teoria tampouco. Concatenando as ideias apresentadas até aqui, podemos compreender teoria como um conjunto de afirmações percíveis às mudanças sociais que são pressupostas pelas ações antrópicas no mundo prático.

O ato de teorizar sobre a prática tem sua importância, pois pode induzir o ser humano a adentrar o mundo crítico do conhecimento. Esse, por sua vez, não pode ser compreendido como sinônimo de ciência. Há de se aceitar que uma das formas que o conhecimento pode se manifestar, é o científico, mas há além desses. Araújo (2006) cita o senso comum, o religioso, a arte, a ideologia e o científico. Já França (1994) traz a seguinte reflexão:

Naturalmente, não existe uma única forma e um só caminho para o conhecimento. Nós conhecemos como resultado de nossa vivência, conhecemos através de informações que recebemos, de manifestações artísticas, de experiências místicas e espirituais; nós conhecemos também através de um trabalho sistemático de pesquisa e estudo, com a utilização de métodos específicos. A essa última forma de conhecimento chamamos conhecimento científico. (FRANÇA, 1994, p.140-141)

Das formas de conhecimento apresentadas, a que se sincroniza com a capacidade de criar teorias é o conhecimento científico. Esse se difere dos demais tipos, pois busca compensar as limitações do conhecimento religioso, artístico e do senso comum (ARAÚJO, 2006).

Por exemplo, o conhecimento religioso não tem como objetivo colocar verdades em xeque. Ao invés disso, transmite crenças que não podem, de maneira alguma, ser refutadas: “No sétimo dia Deus havia terminado a sua obra, e ele passou a descansar, no sétimo dia, de toda a obra que fez”. Não há para aquele que busca o conhecimento através da bíblia razão pertinente para questionar se Deus teria realmente criado o mundo; ou se realmente descansara no sétimo e não no quarto dia; ou ainda se fora ele quem realmente fizera toda obra sozinha. Duvidar desse conhecimento seria um ato de heresia.

O conhecimento artístico, ao oposto como se manifesta o conhecimento religioso, não busca impor a verdade, mas sim uma expressão de subjetividade que cabe a interpretação de cada um que a adquire ou a consome. A experiência gastronômica poderia ser reconhecida como uma forma desse conhecimento.

Já o senso comum é uma forma assistemática, acrítica e sem compromisso com a coerência na construção do conhecimento. São justamente essas características que diferem o senso comum do conhecimento científico. Não pelo fator verdade, mas pelo método e sistematização das ações sobre o “conhecer”. Para Demo:

A ciência é diferente do senso comum (embora nem sempre por isso superior): não crê em conhecimento imediato, direto, fácil. A realidade precisa ser escavada, contornada de todos os lados, virada pelo avesso, sob pena de não passarmos de simples descrições e de fotografias passageiras. O erro é companheiro solidário do caminho científico, porque, embora deva ser superado sempre que possível, é por ele que passa a chance de alternativa. As teorias são sempre superáveis, porque contêm sempre erros (DEMO, 1982, p.19)

Não é que o conhecimento do senso comum seja, necessariamente, falso ou verdadeiro, mas é que por meio deles, a teoria pode se distanciar da prática e construir abstrações. Não era comum, na cultura brasileira, escutar que comer manga verde e tomar leite levaria a pessoa ao óbito? Nesse caso, a falseabilidade dessa informação nos leva diretamente a uma abstração da realidade. Por outro lado, o conhecimento científico não tem a premissa de ser construído como verdade absoluta (o que é verdade?) – aí cabe o papel ao conhecimento religioso - mas como um estudo sistemático das manifestações da realidade e que se comprovem não falsos (a

falseabilidade de Popper) até que sejam falseabilizados – daí, a fala coerente de Demo (1982) que as teorias são sempre superáveis.

Assim, teorizar pode ser compreendido como o movimento de construção do conhecimento científico, debruçando sobre um objeto e aplicando determinado método de maneira sistemática e coerente e que, com as mudanças sociais, possa ser falseabilizada ou aprimorada. É uma investigação profunda, que deve contribuir para o avanço do conhecimento humano (PANOSSO NETTO, 2011). Em suma, podemos partir da máxima que teorizar é condição essencial para os avanços epistemológicos de determinada área.

### **Há uma teoria do turismo?**

As reflexões sobre o que é teoria, parecem satisfatórias até aqui. Agora, seguindo a linha de reflexão ontológica, é necessário responder a segunda indagação que abriu essa leitura: Como o turismo pode ser entendido em uma perspectiva investigativa? Aqui, começamos a caminhar por terrenos mais movediços, pois o termo é aberto e pode ser definido ou conceituado por diferentes óticas e narrativas.

Em primeiro lugar, podemos aceitar o fato de que o turismo tem seu berço em meados do século XIX, quando países europeus – sobretudo a Inglaterra – vivenciavam o processo de revolução industrial (FIGUEIREIDO; RUSCHMANN, 2004). Essa afirmação não implica que não havia deslocamentos anteriores aos processos de Revolução Industrial, mas é a partir do “*turning point*” do modo de produção feudal ao capitalista que novas dinâmicas socioeconômicas são engendradas. A reestruturação das classes sociais que cria uma nova classe trabalhadora: o proletariado, que trabalhava em jornadas superiores de 16 horas em troca de remuneração e conseqüentemente uma nova dinâmica do trabalho – a concepção do tempo é ressignificada de maneira dual: o tempo livre Vs. o tempo de trabalho – parecem contribuir para o turismo como uma atividade econômica.

Já no início do século XX, na Alemanha, Robert Glücksmann parece ter sido o precursor na tentativa de fazer do turismo um campo de estudo analisando na Academia, tendo fundado a primeira revista científica na área do turismo no mundo (PANOSSO NETTO; JÄGER, 2015). Panosso Netto (2011) aponta, porém, que foi a dupla de suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf que, com trabalhos concentrados no período de 1941 a 1955, iniciaram uma nova fase dos estudos turísticos, amparada nas ciências como a sociologia, a economia, a estatística, a geografia etc, com visão em abrangência mundial, holística e mais próxima da realidade. Ainda de acordo com Panosso Netto (2011), Hunziker e Krapf consideraram o turismo como uma disciplina híbrida, mais próxima da sociologia do que da economia. Sobre a chamada “Sociologia do Turismo”, Dean MacCannell, em 1976, foi o primeiro a apresentar uma exposição sistemática sobre o assunto. O autor recorre a várias correntes da sociologia para fundamentar suas teorias, entre elas: o Marxismo e as teorias de Lévi-Strauss, Erving Goffman e Thorstein Veblen. Um dos conceitos-chave de sua teoria é a autenticidade,

por isso o turista procura entrar em contato com coisas que não havia experimentado antes, resultando no valor da experiência turística (SALINAS, 2008).

Pelo viés sociológico, a obra de Krippendorf (2001) afirma que o ser humano não nasce turista, mas se torna um, como mecanismo de fuga do cotidiano. Ainda de acordo com o autor, os fluxos turísticos ocorriam graças à exaustão derivada das condições oriundas do desenvolvimento industrial. Ser homem turista se tornou uma obrigação social e o oposto disso causa à perda de prestígio perante a sociedade. Krippendorf (2001) nos ajuda a superar uma visão estrita do turismo como atividade econômica ao introduzir uma análise sociológica do turismo e do lazer, assim sendo, nega-se a visão do turismo como uma indústria.

John Tribe (1997), em *Indiscipline of Tourism*, narra os esforços de diferentes grupos na tentativa de alocar o turismo como “*discipline*” (ciência) ou campo multidisciplinar. O próprio autor afirma em seu texto, baseado nos estudos de Hirst, que o turismo não pode ser considerado uma ciência. Em primeiro lugar, o turismo não consegue desenvolver conceitos próprios. Esses utilizados no turismo são oriundos de outras áreas e apenas readaptados ou contextualizados à dimensão turística. Em segundo lugar, os conceitos do turismo não formam uma rede de trabalho distinta, precisando recorrer às ciências ou áreas na qual são formuladas para criar uma estrutura de compreensão lógica. Assim sendo, para Tribe (1997), não seria possível analisar o turismo a partir do próprio turismo. Por fim, o turismo não possui expressões ou declarações que podem ser testadas contra a experiência, usando critérios que são particulares aos estudos turísticos.

Neil Leiper (2000) rebate o posicionamento de Tribe (1997), e entre os argumentos utilizados pelo autor, estão: o fato de que o termo multiplicador – atribuído por Tribe à economia – foi utilizado pela primeira vez em 1931 por Richard Khan ao observar os impactos do turismo; a necessidade de maturação e amadurecimento do turismo como uma ciência e finaliza com “se o turismo se expande, então a ciência dos estudos turísticos é provável de se desenvolver, e vice-versa” (LEIPER, 2000, p.808).

O embate entre ambos os autores ilustrados acima tem uma função: a de expor a crise de identidade no campo do turismo e suas possíveis consequências. A crítica de que os pesquisadores se apropriam de conceitos e definições de outras disciplinas e aplicam à área para a construção do quadro teórico do turismo, parece enfraquecer termos mais contemporâneos (mesmo sendo exposta por Tribe em 1997). Turistificação, por exemplo, é considerado por alguns como termo inapropriado, pois reflete na verdade um processo de reterritorialização. Ao aceitar esse tipo de argumento, pode-se também inutilizar o conceito de gentrificação, que também parte de uma análise territorial. Colocaríamos todos os conceitos que envolvem as relações territoriais em um grande saco teórico nomeado de “(re)/(des)territorialização” e simplificariamos as análises socioeconômicas-culturais que ocorrem no próprio território.

Outro exemplo é o caso de Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), considerado o criador da Teoria Geral dos Sistemas (TGS). Seus estudos foram pautados nas

ciências naturais, mais especificamente na biologia. A partir dos estudos da TGS, Raymundo Cuervo (1967) foi o primeiro autor que se conhece a propor uma análise sistêmica do turismo, como um conjunto composto por subconjuntos, definido de relações, serviços e instalações que são gerados em virtude dos deslocamentos humanos (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2012). Foi também a partir da Teoria Geral dos Sistemas que Mario Carlos Beni criou a sua tese de Sistema de Turismo (Sistur), sendo esse um dos mais utilizados para o estudo do turismo no Brasil. Há ainda visões sistêmicas de Molina, Boullón, Leiper e mais. Deveriam os esforços teóricos desses autores ser desmerecido pelo “empréstimo” de uma teoria de outra área? Seria o sistemismo turístico, propriedade da biologia? Parece pouco provável. O resultado desse processo parece ser o esvaziamento do corpo teórico do turismo e também o empobrecimento das reflexões a respeito do tema. Essa crise da produção de conhecimento em turismo é evidenciada em:

A teoria do turismo, se é que existe uma que se possa identificar como original – ou mesmo como “teoria DO turismo” (“do” em maiúsculas mesmo!) –, encontra-se em um momento crucial e delicado, pois existe uma crise e crítica do conhecimento de forma geral. A visão não é de pessimismo, mas de realidade. Os 4 momentos principais da crise, que foram identificados nesse estudo foram: 1. Crise da universidade; 2. Crise na filosofia; 3. Crise de valores culturais, humanos, morais e éticos; 4. Crise dos valores históricos (PANOSSO NETTO; TOMILLO NOGUERO; JÄGER, 2011, p.546)

Por uma perspectiva cronológica, pode-se concluir que a pesquisa em turismo se desenvolve em dois momentos distintos: o primeiro, entre os anos 1960 até os anos 1990, apresenta um aspecto estruturalista que consiste na criação de uma série de modelos, sistemas, índices e tipologias que visam basicamente explicar, entender, nominar e classificar o fenômeno do turismo. Dentre esses, temos: o modelo de motivação de viagens de Campbell (1967); modelo de fluxos turísticos de Mariot (1969); tipologia do turismo de Gray (1970); tipologia do viajante de Cohen (1972;1979); o índice de irritabilidade turística de Doxey (1975); o modelo de classificação de turista de Smith (1977); o ciclo de vida do destino turístico de Butler (1980); o modelo da psicologia social para a motivação do turismo de Iso-Ahola (1982); o índice de viagem de Pearce e Elliot (1983); o modelo de escolha dos destinos de Crompton (1992); o modelo de Itinerário de viagens de Oppermann (1993); Sistur de Beni (1998) e outros. Dos anos 2000 em diante, há uma tendência mais organizacional, no sentido de criar manuais ou materiais “definitivos” para o turismo através da publicação de grandes livros compilados de vários autores, especialmente centrada nessas três obras: *The Sage Handbook of Tourism Studies* editado por Jamal e Robinson (2009); *The Sociology of Tourism: European Origins and Developments* editado por Dann e Parrinello (2009); e a Enciclopédia do Turismo editada por Jafari e Xao (2016). Essa mudança de um modelo mais estrutural ao organizacional não implica uma hierarquização na produção de conhecimento, tampouco significa que

esforços mais teóricos foram abandonados deste então, podendo, inclusive, essas alterações alternarem em ciclos, indicando, assim, uma tendência epistemológica.

Apesar da produção de conhecimento científico não ser de domínio exclusivo das Universidades, é talvez nela que interesse mais o debate. Pode-se entender a perda da legitimidade, tão efervescente no cenário político atual, a descapitalização e os próprios conflitos morais-intelectuais como alguns dos fatores que impactam de maneira negativa na produção do conhecimento, e certamente no conhecimento do turismo.

Mas, se partimos da conjectura de que o turismo não pode ser considerado uma ciência, seria esse um fator restritivo para a criação de teorias ou até mesmo conceitos e definições do turismo? Para responder essa pergunta, é necessário entender sob qual ótica estamos compreendendo o que é ciência. Aceitamos o fato de que para se tornar uma ciência é necessário delimitar um objeto (ou alguns) e um método próprio, ou o “*anything goes*” (vale tudo) de Feyerabend é válido como método? Optamos por uma visão clássica da métrica positivista ou tentamos superar as limitações impostas pela escola de pensamento e vamos além?

A visão positivista muitas vezes se reflete na universidade, que passa a ser rígida, operacional, que treina e adentra, limitando o pensar. No entanto, é necessário romper com esse modelo, pois o aporte ao conhecimento do turismo, pelas comunidades acadêmicas, se pode observar através do tempo e por uma série de passos que diferenciam o trabalho de qualquer comunidade de investigadores: reconhecimento das anomalias; período de insegurança; desenvolvimento de grupos de ideias alternativas; identificação de escolas de pensamento; dominação de novas ideias; crítica atual sobre o tema discutido e; consciência da existência de pontos frágeis do pensar turístico. (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p.129)

247

Ciência ou não, parece ingenuidade ignorar os esforços científicos na produção de teorias de conhecimento do turismo e mais do que isso, aceitar uma roupagem positivista que torna impeditivo o amadurecimento (na falta de palavra melhor) do turismo a condição de ciência. Apesar da falta de uma Teoria Geral do Turismo amplamente aceita, como explicita Panosso Netto e Nechar (2014) como sendo “A teoria”, não se pode deixar de reconhecer as escolas de produção e investigação científicas na área, sendo talvez as mais reconhecidas, entre elas: as escolas sistêmicas, a fenomenológica, e a mais recente escola epistemológica, que se debruça no estudo do conhecimento do turismo.

Nesse sentido, se retomarmos que essa reflexão entende por teoria e aplicarmos ao turismo – entendido de maneira básica como fenômeno sociocultural que envolve o homem turista, o espaço e o deslocamento – pode-se ter como síntese: “um conjunto de afirmações, perecíveis às mudanças sociais, que são pressupostas pelas ações antrópicas no mundo turístico que é, ao mesmo tempo, prático e que constrói conhecimento”. A partir desse entendimento, é possível redirecionar a indagação inicial pelo polo oposto: “(será que ainda) não há uma teoria do turismo?”.

## Considerações finais

A apatia pela teoria do conhecimento ou epistemologia parece se manifestar como um *continuum* nas salas de aula e entre os próprios pesquisadores, como apontam Pereira (1990) e Panosso Netto (2011). Esse sentimento, por sua vez, resulta na falta de esforços epistemológicos em todas as áreas, mas é no turismo que nossos interesses direcionam. Seja pelo esvaziamento do pensamento crítico nas salas de aula, seja pela carga negativa que a palavra “teoria” carrega, o fato é que a ausência de investidas nos coloca sobre mesmo patamar dos animais não homens, não no sentido pejorativo da coisa (ou nem tanto), mas na característica de vivenciarmos o mundo prático sem produzir um conhecimento sistemático sobre ele.

A semântica negativa atribuída à teoria, que a transforma em sinônimo de abstração, também parece surgir como elemento que dificulta o interesse nos estudos epistemológicos do turismo: “por que pensar em teoria se essa, muitas das vezes não está sincronizada com a realidade?” Essa é a meada que guia o senso comum, ignorando o fato que a prática é o pressuposto da teoria e tudo fora desse campo é, de fato, uma abstração.

Se pensar e estudar sob o viés epistemológico já parece (e é) uma atividade de elevada complexidade – pois requer pensamento filosófico em primeira instância – atrelar os esforços para a construção de uma, ou algumas, teorias do turismo parece ainda mais complicado. Isso porque, apesar dos esforços dos estudiosos da área, ainda não há um consenso sobre qual campo o turismo se encontra: é uma atividade estritamente econômica e por isso deveria ser tratada como uma indústria? Trata-se de campo de estudo multi, inter e transdisciplinar? É um fenômeno? É uma ciência? A crise parece estar longe de ser resolvida.

O embate entre Neil Leiper (2000) e John Tribe (1997) evidencia o desacordo entre os estudiosos da área. Cada um com seus argumentos defende o turismo como ciência ou como campo de estudos. Para Tribe, por exemplo, turismo não pode ser reconhecido como ciência, pois carece de um objeto claro de estudos, além de um método exclusivo de aplicação sistemática da pesquisa. Panosso Netto (2011) indica que há ainda uma terceira corrente de pensamento, a que acredita que o turismo pode e será reconhecido como ciência, mas ainda carece de um escopo teórico robusto.

Aqui é necessário apontar dois pontos cruciais: em primeiro lugar, seria a existência de um objeto claro de estudos a condição necessária para alcançar o *status* de ciência ou devemos levar em consideração as mudanças nos paradigmas científicos como traz Boaventura de Sousa Santos (1988)? Se os grandes campos teóricos da economia e sociologia, por exemplo, utilizados pelos cientistas da contemporaneidade estão ainda enraizados no século XIX, o que dizer do turismo, que tem sua preocupação epistemológica iniciada há pouco mais de 40 anos (PANOSSO NETTO, 2011)? Há uma necessidade de se revisar o paradigma dominante que institui o que é e o que não é ciência?

O segundo ponto a se levar em consideração é: ainda que se aceite o paradigma dominante, esse impede a criação de teorias por áreas que não sejam consideradas ciências? Seriam os esforços dos estudiosos do turismo válidos para a fortificação de uma episteme turística ou esses esforços são diluídos, pois utilizam conceitos originados em outras áreas, como nas palavras de Tribe (1997) “o conceito de efeito multiplicador do turismo, por exemplo, pega emprestado o conceito de multiplicador desenvolvido por economistas [...]”.

Negar essas contribuições para o corpo epistemológico do turismo parece, em certa medida, desmerecer e até mesmo enfraquecer as iniciativas de investigação teórica. Não seria o ciclo de vida do destino turístico proposto por Butler, a classificação de turistas de Smith, o modelo sistêmico de Beni, teorias ou ao menos contribuições importantes que trazem como objeto se não o homem turista, a atividade turística em si, integrantes de uma teoria que incorpora o mundo prático e o potencializa em formas de práxis turísticas? Se o turismo ainda não é uma ciência e ainda não possui sua teoria, aparentemente, há um caminho plausível e coerente a ser seguido para alcançar tal feito.

## Referências

ARAÚJO, C. A. A. A ciência como forma de conhecimento. **Ciências & Cognição**.v.8, p.127-142. 2006. Disponível em: <https://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/572>

DEMO, P. **Pesquisa Participante – mito e realidade**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1982.

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40>

FRANÇA, V. R. V. Teoria(s) da comunicação: busca de identidade e de caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 23, n. 2, 1994. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76146>

HALL, C. M. Theory. In: JAFARI, Jafar (Ed.). **Encyclopedia of tourism**. Londres/ Nova York; Routledge, 2000. p.579

KOVACS, M. H.; BARBOSA, M. de L. A.; SOUZA, A. G.; MESQUITA, A. E de P. Pesquisa em Turismo: uma avaliação das metodologias empregadas nos artigos publicados nos anais no triênio do seminário anual da Associação Brasileira De pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR. **Revista Turismo**, 2011. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2031>

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3 ed. Trad. Contexto traduções. São Paulo: Aleph, 2001.

LEIPER, N. An emerging discipline. **Annals of Tourism Research**. V.27, Issue 3, July 2000, p. 805-809. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/256987201\\_An\\_emerging\\_discipline](https://www.researchgate.net/publication/256987201_An_emerging_discipline)

LOHMANN, G. & PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo**: conceitos, modelos e sistemas. 2. ed. Rev. Ampl. São Paulo: Aleph, 2012.

MARUJO, N. A Pesquisa em turismo: reflexões sobre as abordagens qualitativa e quantitativa. **Revista de investigación em turismo y desarrollo local**. V.6, Nº14 (Junio/junho 2013). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/239938535\\_A\\_Pesquisa\\_em\\_Turismo\\_\\_Reflexoes\\_sobre\\_as\\_Abordagens\\_Qualitativa\\_em\\_Quantitativa](https://www.researchgate.net/publication/239938535_A_Pesquisa_em_Turismo__Reflexoes_sobre_as_Abordagens_Qualitativa_em_Quantitativa)

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. & GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Editora vozes, 1993.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo. Teoria e Epistemologia**. 2. ed. Rev. Ampl. São Paulo: Aleph, 2011.

250

PANOSSO NETTO, A.; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 8(1), p.120-144, jan./mar, 2014. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>

PANOSSO NETTO, A.; JÄGUER, M. Robert Glücksmann (1877–1942): founder of Berlin School of Tourism Research. **Anatolia**, 2015.

PANOSSO NETTO, A.; NOGUERO, F. T.; JAGER, M. Por uma Visão Crítica nos Estudos Turísticos, **Turismo em Análise**. v.22, n.3 (2011). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14262>

PEREIRA, O. **O que é teoria?** 7. ed. Editora Brasiliense, 1990.

SALINAS, T. R. Reseña de "El turista: una nueva teoría de la clase ociosa" de Dean MacCannell. **Sociedad Hoy**, n. 14, p.99-101,2008.

SAMPAIO, S. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo », **Etnográfica** [Online], v. 17 (1), 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/2615>

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, 1988. 2(2), 46-71. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/YgSSRgJjZgtbpBLWxr6xPHr/?lang=pt>

SCHLÜTER, R. G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. Tradução Tereza Jardim. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo).

TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of tourism research**. Great Britain: Pergamon. v.24, n.4, 1997, p.638-657. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738397000200>

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. Trad. Gleice Guerra e Mariana Aldrigui. São Paulo: Aleph, 2011. (Série turismo).

*O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.*

**Recebido em 21/08/2021**

**Aprovado em 12/11/2021**

251

